

Relações entre poética, retórica, análise do discurso e estilo: uma aplicação em "O Discurso do Rei"*

Claudio Cezar Henriques**

Resumo

Este artigo pretende comprovar que o poético tem função na comunicação concreta do cotidiano e é, portanto, um recurso retórico. Para isso, toma como base um texto escrito para ser lido em voz alta que ficou marcado na história do século XX. A Grã-Bretanha declarava guerra à Alemanha, e o rei George VI fazia um pronunciamento para toda a nação pela rede de rádio da BBC. Esse evento histórico foi levado ao cinema e podemos “testemunhá-lo” na interpretação de Colin Firth. Para nossos comentários, não é relevante o drama que envolve a família real e também não importa o fato de George, desde criança, sofrer de gagueira. O ano era 1936. O Reino Unido enfrentava um momento crítico de sua história. Com ajuda de sua família e de um fonoaudiólogo muito pouco ortodoxo, o rei superaria sua limitação oral e se transformaria numa inspiração para seu povo – marcada em cada palavra de seu discurso, como se pode observar na análise dos recursos expressivos empregados por seu redator.

Palavras-chave

Estilística; análise do discurso; gramática.

Abstract

This text intends to verify that poetry has a function on the real everyday life communication and that it is, therefore, a rhetoric resource. Bearing this in mind, we take into consideration a text written to be read aloud, a remarkable one in the history of the twentieth century. Great Britain declared war on Germany, and King George VI made a pronouncement to the whole nation broadcasted by the BBC radio station. This historical event was made into a film and we can “testify” the king’s speech in Colin Firth’s performance. To our objectives, it is not relevant to discuss the dramatic events related to the royal family or the fact that George was stutterer since childhood. The year was 1936. The United Kingdom faced a critical moment in its history. With the help of his family and of a speech therapist who was not what we can call an orthodox professional, the king would surpass his speech limitation and would become an inspiration to his people – and this is marked in each word of his discourse, as we can see by analysing the expressive strategies used by his writer.

Keywords

Stylistics; discourse analysis; grammar.

* Este artigo constitui uma versão revista e adaptada de parte do quarto capítulo do livro *Estilística e Discurso*, p. 29-48.

** Pós-Doutor em Letras Vernáculas pela USP desde 2005 e concluiu o doutorado em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1995. Atualmente é Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Membro eleito da Academia Brasileira de Filologia e Professor da Universidade Estácio de Sá.

1. Introdução

A palavra “poética” é vinda do latim “poeticus” e oriunda do grego “poiétikos”, que significa “que tem a virtude de fazer”, forma derivada de “poiétes”, flexão do verbo “poien”, que significa “fazer”. Também a palavra “retórica” é vinda do latim “rhetorica” e oriunda do grego “rhetor”, que significa “orador”, derivada de “rhema”, que significa “palavra”, ou seja, “aquilo que se diz”. No português, “retórica” teve seu primeiro registro por escrito no séc. XIV, bem antes do primeiro registro de “poética”, que aconteceu no ano de 1697.

Segundo Aristóteles, que escreveu três livros sobre essa disciplina, a retórica tem por objetivo encontrar a melhor estratégia para mostrar um argumento a determinada audiência, mas adverte que “seu fim não é persuadir, mas ensinar o possível” (1976, p. 29). Aristóteles fala que há três espécies de auditório e que é preciso saber como se dirigir às pessoas, pois não se pode falar da mesma maneira para públicos de características diferentes.

A cada um dos três gêneros Aristóteles atribuiu um traço cronológico: ao *deliberativo*, o futuro (por inspirar decisões a serem tomadas); ao *judicial*, o passado (por tratar de qualificações e julgamentos de atos ou fatos já acontecidos); e ao *epidíctico*, o presente (por se propor à contemplação do público), embora com argumentos do passado e projeções do futuro.

Como se vê, a retórica possuía um código que devia ser organizado com inventividade. Para isso, o discurso precisava de um planejamento, sendo recomendável subdividi-lo. A poética remete à retórica; ambas remetem à linguística e à ciência da literatura. A poética pode estar em toda a parte, por que não poderia estar presente em peças consideradas eminentemente retóricas? Para se investigarem seu(s) conceito(s) e sua evolução, é preciso não nos esquecermos de que existe uma continuidade histórica e que nesta, em muitos momentos, se verá a poética como o estudo sistemático da literatura e/ou como o campo que se dedica ao estudo da poesia como forma de arte. Mas a poética é também uma das funções da linguagem.

Jan Mukarovsky (1964) explica que o signo produzido por meio do poético pode, como um todo, ter de novo as relações semânticas, sintáticas e pragmáticas primárias, o que nos faz frisar que o poético também tem função na comunicação concreta do cotidiano.

2. Aplicação

Vejam um texto (escrito para ser lido) que ficou marcado na história do século XX. A Grã-Bretanha declarava guerra à Alemanha, e o rei George VI fazia um pronunciamento para toda a nação pela rede de rádio da BBC. O fato foi levado ao cinema e podemos “testemunhá-lo” na interpretação de Colin Firth. Para nossos comentários, não é relevante o drama que envolve a família real e os esforços de Bertie para assumir o trono depois da morte de seu pai (George V) e da abdicação de seu irmão (Edward VIII). Também não importa aqui o fato de que Bertie, desde criança, sofre de gagueira e que enfrentar um microfone para fazer um pronunciamento à nação é um desafio maior do que estar em um campo de batalha.

O ano era 1939. O Reino Unido enfrentava um momento crítico de sua história. Com ajuda de sua família, de um fonoaudiólogo muito pouco ortodoxo e de Winston Churchill, o rei superaria sua limitação oral e se transformaria numa inspiração para seu povo. Essa inspiração está marcada em cada palavra de seu discurso¹, que segue apresentado em sua versão original e em uma tradução para o português – ambas são necessárias para os nossos objetivos neste artigo:

(1)

In this grave hour, perhaps the most fateful in our history, I send to every household of my peoples, both at home and overseas, this message spoken with the same depth of feeling for each one of you as if I were able to cross your threshold and speak to you myself.

For the second time in the lives of most of us we are at war. Over and over again we have tried to find a peaceful way out of the differences between ourselves and those who are now our enemies. But it has been in vain.

We have been forced into a conflict. For we are called, with our allies, to meet the challenge of a principle which, if it were to prevail, would be fatal to any civilized order in the world. Such a principle, stripped of all disguise, is surely the mere primitive doctrine that might is right.

For the sake of all that we ourselves hold dear, and of the world's order and peace, it is unthinkable that we should refuse to meet the challenge. It is to this high purpose that I now call my people at home and my peoples across the seas, who will make our cause their own.

I ask them to stand calm and firm, and united in this time of trial. The task will be hard. There may be dark days ahead, and war can no longer be confined to the battlefield. But we can only do the right as we see the right and reverently commit our cause to God.

If one and all we keep resolutely faithful to it, then, with God's help, we shall prevail.

(2)

Neste grave momento, talvez o mais decisivo de nossa história, eu envio para cada família de meu povo, tanto aqui como em outras terras, esta mensagem, dita com a mesma profundidade de sentimento para cada um de vocês como se eu fosse capaz

¹ O áudio (ilustrado com imagens) da versão original do discurso do rei George VI (em 03 set. 1939) pode ser conferido no youtube: http://www.youtube.com/watch?v=DAhFW_auT20

de passar pela soleira de suas casas e falar-lhes pessoalmente. Pela segunda vez na vida da grande maioria de nós, nós estamos em guerra. Muitas e muitas vezes tentamos encontrar uma saída pacífica para as diferenças entre nós e aqueles que são agora nossos inimigos. Mas tudo foi em vão. Nós fomos forçados a um conflito. Porque nós somos chamados, com nossos aliados, a enfrentar o desafio de um princípio que, se fosse prevalecer, seria fatal para qualquer ordem civilizada no mundo. Tal princípio, despojado de qualquer disfarce, é seguramente a mera doutrina primitiva de que a força está com a razão. Em nome de tudo aquilo que nós mesmos valorizamos, e da ordem e paz mundial, é impensável que nós nos recusássemos a enfrentar este desafio. É por causa deste elevado propósito que eu agora conclamo meu povo em minha terra e meus povos em terras de além-mar a fazer da nossa causa a sua própria causa. Peço-lhes então que se mantenham calmos e firmes e unidos neste momento de provação. A tarefa será difícil. Poderão vir dias sombrios pela frente, e a guerra poderá não ficar confinada aos campos de batalha. Mas só podemos fazer o certo da maneira como vemos o certo e, reverentemente, confiar nossa causa a Deus. Se cada um e todos nós continuarmos resolutamente fiéis a ela, então, com a ajuda de Deus, nós prevaleceremos.

O rei conclama seu povo para os tempos difíceis da guerra. A interpretação sobre o que faz parte desse texto certamente seria muito bem articulada num estudo minucioso baseado nas muitas teorias dos analistas do discurso, que poderiam desnudar o significado oculto na linguagem – independente da corrente a que se filiasse o analista. Nossa análise, aqui, tem o objetivo de observar as marcas linguísticas do enunciado do discurso de George VI e ver sua construção ideológica. Observa-se pela leitura que estamos diante de uma espécie de variante do esquema narrativo mais tradicional. Há uma introdução, um desenvolvimento e uma conclusão. As ações e os seres humanos são apresentados por meio de metáforas, eufemismos e hipérboles. As escolhas morfosintáticas são conscientes e expressivas diante da necessidade comunicativa do contexto político e social.

A forma e a função das palavras de George VI se consumam, por exemplo, no emprego hábil dos pronomes, cose se vê nos exemplos (1) a (8):

- (1) *our history* = nossa história;
- (2) *my peoples* = meus povos;
- (3) *speak to you myself* = falar-lhes pessoalmente;
- (4) *between ourselves and those* = entre nós e aqueles;
- (5) *our allies* = nossos aliados;
- (6) *we ourselves* = nós mesmos;
- (7) *our cause their own* = da nossa causa a sua;
- (8) *one and all we* = cada um e todos nós

Também é importante a decisão de agregar as pessoas e conclamá-las sob argumentos inegavelmente nobres e percebidos pelo público como genuinamente nacionais e humanitários. O item sintaticamente deslocado que inicia o texto (9)

topicaliza o tom denso da situação que é por todos conhecida. A expectativa do povo é ter a confirmação de que a Grã-Bretanha entrará em guerra. A densidade está explicitada na expressão que vem logo adiante, ainda na abertura do discurso (10).

(9) *in this grave hour* = neste grave momento

(10) *the same depth of feeling* = a mesma profundidade de sentimento

O rei faz questão de dizer que fala para todos, mas também para cada um de seus súditos, a quem ele expressivamente chama de “meu povo” (11), enfatizado pelo respeito que diz dedicar a quem está em terras distantes do reino (12)

(11) *my peoples*, por se referir a todos os povos do Reino Unido

(12) *both at home and overseas* = tanto aqui como em outras terras

Sua palavra é radiofônica, mas ele quer que seus ouvintes o sintam como se estivesse fisicamente dentro de suas casas, e por isso usa a imagem afetuosa que mostra a intimidade com que trata seus compatriotas (13).

(13) *as if I were able to cross your threshold and speak to you myself* = passar pela soleira de suas casas e lhes falar pessoalmente

Seu discurso seleciona dados históricos imprescindíveis para a causa que defende. O segundo parágrafo começa topicalizado pela lembrança de que é preciso ir novamente à guerra. Observamos que, embora contenha a principal informação do discurso, esse trecho se inicia por uma referência amarga mas vitoriosa, a participação britânica na primeira guerra mundial. Os atuais inimigos estão localizados apenas no tempo (14), e não no espaço, pois não há nomes de países a citar. O discurso reitera as tentativas de paz (15), mas é taxativo ao reconhecer a inutilidade de seu esforço (16).

(14) *those who are now our enemies* = aqueles que são agora nossos inimigos

(15) *over and over again we have tried to find a peaceful way out* = muitas e muitas vezes tentamos encontrar uma saída pacífica

(16) *but it has been in vain* = mas tudo foi em vão

O esforço em vão é a sustentação para a sequência que diz ser inevitável a decisão de ir à guerra. É outra frase curta – e a primeira do texto que começa com o tópico frasal padrão, o sujeito (17). No entanto, há argumentos-chave no texto para explicar por que é preciso lutar. Há dois nobres (18) propósitos (19 e 20). A eles se opõe o desprezível propósito inimigo (21).

(17) *We have been forced into a conflict* = Nós fomos forçados a um conflito

(18) *this high purpose* = elevados citados

(19) *the challenge of a principle which would be fatal to any civilized order in the*

world = enfrentar o desafio contra um princípio capaz de destruir a ordem civilizada mundial

(20) *all that we ourselves hold dear, and of the world's order and peace* = defender os valores de toda a nação, a ordem e a paz mundial

(21) *the mere primitive doctrine that might is right* = a mera doutrina primitiva da imposição da força.

Perto do final, o rei seleciona adjetivos bem claros, alertando seu povo para algumas situações e atitudes que precisam ser levadas em consideração (22 e 23).

(22) *to stand calm and firm, and united* = manter-se calmo, firme e unido

(23) *time of trial* = uma época de provação

Adiante, os adjetivos continuam incisivos (24 e 25) em relação ao que está por vir.

(24) *the task will be hard* = a missão será garantidamente difícil

(25) *there may be dark days ahead* = o futuro provavelmente sombrio

Mas a advertência principal é feita por via indireta e prevê que todos devem se preparar para ataques nas ruas e nos campos do próprio país (26)

(26) *war can no longer be confined to the battlefield* = a guerra não pode ficar confinada apenas aos campos de batalha

Por fim, a confiança do orador na participação divina, que é apresentada, primeiro, sob a forma de uma parceria (27) e, no trecho final, como uma certeza de proteção (28). A única condição para que isso ocorra é que, individual e coletivamente (29), haja fé em melhores dias (30) e confiança de se estar lutando pelo que é certo (31), ou seja, os valores da sociedade britânica (32).

(27) *reverently commit our cause to God* = reverentemente confiar nossa causa a Deus

(28) *with God's help, we shall prevail* = com a ajuda de Deus, nós prevaleceremos

(29) *one and all* = cada um e todos

(30) *we keep resolutely faithful* = continuemos resolutamente fiéis

(31) *we can do the right as we see the right* = devemos fazer o que é certo segundo nossa maneira de ver

(32) *all that we ourselves hold dear* = tudo aquilo que nós mesmos valorizamos

Essas são algumas das conexões causais entre o texto e a sociedade que estava com os ouvidos grudados na BBC. Uma audiência que se precisava conquistar e que desejava ser conquistada. O tema central da mensagem poderia ter sido construído de outra forma? Com a mesma impetuosidade retórica dos inimigos, com gritos e palavras de ordem? Não resta dúvida de que a opção foi oposta. Fica claro que o confronto não está só no campo das ideias e das batalhas militares. Está também na firmeza de quem

transmite confiança e calma por meio de palavras e frases pronunciadas segundo uma escolha particular e estratégica.

3. Conclusão

O discurso é uma forma de ação social. O enunciador procura transmitir mais significado ao que fala. A audiência fica hipnotizada pelo poder da mensagem transmitida pelo discurso. Em suma, devemos reconhecer que se trata de um texto brilhante, proferido numa ocasião de grande relevo histórico. Não é apenas um signo: está incorporado diretamente com a realidade, pois afeta de pronto a vida mental das pessoas. Alguém pode perguntar se a poética está presente em textos desse tipo. Roman Jakobson, com razão, adverte que “qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora” (1973, p. 128). Textos desse tipo seriam então literatura? Parece-me que é o caso de repetir o que diz Stanley Fish: ela (a literatura) é tão somente “o produto de um modo de ler” (1980, p. 11).

Guardadas as devidas proporções e descontados os exageros de tratar a retórica como uma hipertrofia da linguagem e a poética como uma ornamentação da linguagem, parece-me que suas explicações, adaptadas aos hábitos de hoje, podem ser lidas em algum manual de produção textual ou discutidas em alguma oficina de redação. Afinal, não é difícil transportar a figura do auditório para a do leitor, nem a do orador para a do autor. Seja na retórica clássica, seja na prática contemporânea da construção de um texto, há um agente da ação de linguagem que se concretiza como discurso. Até prova em contrário, é esse autor o responsável pela totalidade das operações que dão o aspecto final ao texto. É também ele o gerenciador dos mecanismos de textualização, o delimitador do conteúdo, dos argumentos, dos modelos. Entretanto, suas intervenções estão em permanente interação com variadas representações do que se pode chamar “mundo discursivo”.

Referências

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1976.
FISH, Stanley. *Is there a text in this class? The authority of interpretive communities*.

Cambridge, MA: Harvard UP, 1980.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*. Rio de Janeiro: Campus/Elsevier, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001 e 2009. CD-ROM.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. In: _____. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 118-62.

MUKAROVSKY, Jan. The Esthetics of Language. In: GARVIN, Paul L. (Org.). *A Prague School reader on Esthetics, literary structure and style*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1964, p. 31-69.